

Historiografia e poder: o valor da história, segundo o pensamento de Isidoro de Sevilha e de Valério do Bierzo (*Hispania*, século VII)

Historiography and power: the value of history, according to the thought
of Isidore of Seville and Valerius of Bierzo (*Hispania*, seventh century)

Renan Frighetto

Professor Associado

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

rfrighetto@hotmail.com

Rua General Carneiro, 460/6º andar - Sala 606A - Centro

Curitiba - PR

80060-150

Brasil

Resumo

A Antiguidade Tardia (séculos III/VIII) se apresenta como um período histórico marcado por diversas reformulações políticas, sociais, culturais e religiosas vinculadas com a tradição helenística greco-romana. Dentre as várias reformulações ocorridas destacamos aquela que faz referência à concepção e à ideia da própria História, visivelmente pautada na retórica helenística e que passa, no mundo tardo-antigo, ao ambiente do conhecimento gramatical. Tal mudança se deve tanto pelas inovações técnicas e materiais características a partir do século III como também pela nova forma de vincular os acontecimentos históricos à vontade celeste. Tal inovação, típica da Antiguidade Tardia, será adotada pelos pensadores cristãos a partir do século IV, tendo como resultado mais evidente a ideia da intervenção divina no desenvolvimento da própria História. Voltando nossa abordagem a dois pensadores do reino hispano-visigodo de Toledo no século VII, Isidoro de Sevilha e Valério do Bierzo, buscaremos analisar as respectivas ideias que ambos apresentavam sobre a História, além de observarmos que seus escritos podem ser caracterizados como obras historiográficas direcionadas ao fortalecimento do poder por parte dos grupos nobiliárquicos hispano-visigodos e, também, tardo-antigos.

71

Palavras-chave

Historiografia; Isidoro de Sevilha; Valério do Bierzo.

Abstract

Late Antiquity (centuries III / VIII) is presented as a historical period marked by various policy reviews, social, cultural and religious tradition connected with the Hellenistic Greco-Roman. Among the several changes occurring emphasize that it refers to the design and the idea of history itself, visibly guided the Hellenistic rhetoric and passing in late-antique world, the environment of grammatical knowledge. This change is due to both technical innovations and features material from the third century as well as the new way to link the historical events of the will of heaven. Such innovation, typical of Late Antiquity, will be adopted by Christian thinkers from the fourth century, resulting in a clearer idea of divine intervention in the development of history itself. Turning our approach the two thinkers of the Hispano-Visigoth kingdom of Toledo in the seventh century, Isidore of Seville and Valerio of Bierzo, seek review their ideas that they were both on the history, and observe that his writings can be characterized as historical works directed empowering the groups by the Hispano-Visigoth nobility and also late-antique.

Keywords

Historiography; Isidore of Seville; Valerio of Bierzo.

Enviado em: 29/04/2010

Autor convidado

Introdução

Iniciar um estudo no qual buscaremos analisar e interpretar o que determinados autores entendiam sobre a relação entre historiografia e poder, em particular a importância e o valor que a ideia de História alcançava em seus escritos, apresenta-se como uma tarefa complexa para qualquer historiador. Ainda mais se tentarmos averiguar qual teria sido o grau de consciência que determinado autor tinha ao escrever sobre a História, se as ideias e opiniões por ele expressas foram influenciadas pelo contexto político e ideológico de sua época ou pelo grupo aristocrático no qual ele encontrava-se inserido. Para Carmen Codoñer esses questionamentos surgem como problema para qualquer investigação histórica (1986, p. 5),¹ dúvidas que segundo Fernando Gascó tornam o estudo da História mais interessante, transformando-a numa fonte de conhecimento em constante movimento.² Ideia, por certo, presente nos escritos de Luciano de Samosata, autor que participou na segunda metade do século II nas campanhas de Lucio Vero contra os partos no oriente romano,³ ao revelar a importância que devia ser dada pelo historiador em ordenar e expor com clareza os acontecimentos, a fim de que o ouvinte compreendesse e valorizasse a própria História⁴ pautada pelo preceito da verdade que surge como autêntica virtude do historiador.⁵ É incontestável que Luciano seguia uma tradição historiográfica que remontava a Heródoto e, principalmente, a Tucídides⁶ no que concernia à relação entre a História e a maneira de como interpretá-la a partir do preceito da verdade segundo aquilo que se via e que deveria ser descrito e escrito “para sempre”.⁷ Por outro lado, verificamos que ainda preservava-se na perspectiva histórica de Luciano aquele preceito helenístico que inseria a História nos domínios da retórica e da oratória⁸ anteriormente apontado

72

¹ Para C. Codoñer Merino, [...] *La percepción directa del hecho, percepción que emana de los autores, no admite discusión. El problema surge cuando el investigador pretende asentar sobre datos esta sensación que como tal sensación es evidente, cuando se intenta comprobar en qué medida cada uno de los historiadores estudiados ha sido consciente de esa evolución y ha colaborado a ella con su obra [...]*.

² O estudo da guerra seria um dos exemplos mais significativos desta História em movimento, segundo F. Gascó (1986-87, p. 169): [...] *Influidos por una tradición procedente en parte de la épica estos autores iniciarán a su vez una corriente historiográfica que será venturosa en influencias. Desde entonces se privilegió lo que se ha dado en llamar la historia cinética frente a la historia cultural [...]*.

³ Luc.Sam. Quo modo historia conscribenda sit, 30: [...] *Un estupendo historiador destrozó todo lo que había ocurrido de principio a fin en Armenia, en Siria, en Mesopotamia y en el Tigris [...]*.

⁴ Luc.Sam. Quo modo historia ..., 51: [...] *Una cosa parecida es también la tarea del historiador: ordenar con belleza los acontecimientos y exponerlos con la mayor claridad en la medida de lo posible. Y cuando el oyente crea luego estar viendo lo que se relata y a continuación lo aplauda, entonces sí que se puede dar por totalmente acabada la obra histórica [...]*.

⁵ Luc.Sam. Quo modo historia ..., 44: [...] *Lo mismo que hemos puesto la libertad de expresión y la verdad como objetivos del historiador, así también debe ser uno el principal propósito de su lenguaje: explicar el tema con claridad y mostrarlo con la mayor evidencia posible [...]*.

⁶ Luc.Sam. Quo modo historia ..., 54: [...] *Tales introducciones emplearon los mejores historiadores: Heródoto, para que no se borrara con el tiempo los acontecimientos, que eran grandes y admirables, y ponían en evidencia las victorias griegas y las derrotas de los bárbaros. Tucídides, por su parte, convencido personalmente de que aquella guerra sería grande, más memorable y más importante que las ocurridas anteriormente [...]*.

⁷ Luc.Sam. Quo modo historia ...,42: [...] *En este sentido, Tucídides estableció muy bien la norma y distinguió entre la virtud y el vicio del historiador, sobre todo al ver que Heródoto fue admirado hasta el punto de que se pusiera el nombre de la Musas a sus libros. Y así afirma que está componiendo un bien para siempre más que una representación para la actualidad, y que no le tiene apego al mito, sino que trata de dejar a la posteridad la verdad de los acontecimientos [...]*.

⁸ Luc.Sam. Quo modo historia ...,53: [...] *Cuando se utiliza la introducción, se empieza únicamente con dos puntos [...] y se busca la atención y el interés de los oyentes [...]*.

por Cícero como tarefa apropriadamente desenvolvida pelo orador.⁹ Portanto, podemos dizer que a forma de se escrever e divulgar a História durante as épocas clássica e helenística respeitava mais os conceitos retóricos que os propriamente gramaticais, estando as fontes históricas daqueles momentos mais vocacionadas para a apresentação oral em ambientes cortesãos dirigidos à formação dos grupos aristocráticos e dos integrantes da realeza helenística.¹⁰

Contudo, tal concepção da História modificou-se de maneira significativa naqueles autores que escreveram *crônicas* e *Histórias* e viveram no período de trânsito e de reformulações políticas, sociais e culturais que caracterizaram o recorte temporal que definimos como a Antiguidade Tardia.¹¹ Para Paulo Orósio, autor hispano-romano de primórdios do século V e discípulo de Agostinho de Hipona,¹² a História tinha como principal objetivo apresentar aos homens do presente os fatos e acontecimentos ocorridos no passado relacionados à guerra, à fome, aos cataclismos e às pragas, todos vinculados a vontade de Cristo e de Deus.¹³ Tal perspectiva histórica era portadora, por certo, de uma forte influência do pensamento neoplatônico característico do século III, formulado e desenvolvido por Plotino e seus discípulos, profundos influenciadores do próprio cristianismo,¹⁴ que apontava a intervenção da vontade divina em todos os acontecimentos que envolvessem a História do homem.¹⁵ Ora, essa concepção que geralmente é apontada como parte da teologia da História formulada pelos autores cristãos do século IV como Agostinho, Orósio e Jerônimo, certamente os exemplos mais significativos que possuímos, tem as suas raízes evidentemente vinculadas ao neoplatonismo.¹⁶ Quanto à forma de transmissão e aprofundamento

⁹ Cic. De Orat. II,62: [...] *Sed illuc redeo: videtisne, quantum munus sit oratoris historia? Haud scio an flumine orationis et varietate maximum; neque eam reperio usquam separatim instructam rhetorum praeceptis; sita sunt enim ante oculos. Nam quis nescit primam esse historiae legem, ne quid falsi dicere audeat? Deinde ne quid veri non audeat? Ne quae suspicio gratiae sit in scribendo? Ne quae simultatis?* [...]

¹⁰ Segundo V. Alonso Trancoso (2005, p. 197), [...] *La paideia del príncipe, según hemos indo viendo, consistía en algo más que en el mero aprendizaje de unos cuantos saberes curriculares; debía templarse asimismo en el baño de valores (políticos, religiosos) entre los cuales prevalecían la lealtad y el ánimo de perseverar en la obra de los antepasados, empezando por la del último jefe de la casa. Era aquí donde el ejemplo de gobierno y el magisterio oral del rey constituían, como es natural, la mejor de las pedagogías. En el discurso que Livio pone en la boca de Filipo cuando éste convoca a los dos príncipes enconados, oímos reconvenciones de padre cansado ya de impartir lecciones a sus hijos (meorum praeceptorum: T.L., 40.8.10) harto de recordarles ejemplos y más ejemplos sacados de la historia de la realeza griega [...].*

¹¹ Um estudo recente e relativo ao conceito de Antiguidade Tardia é o de R. Frighetto (2009).

¹² Or. Hist. Adv. Pag. Prol., 1: *Praeceptis tuis parui, beatissime pater Augustine; atque utinam tam efficaciter quam libenter [...].*

¹³ Or. Hist. Adv. Pag., Prol., 9-10: [...] *ob hoc solum quod creditur Christus et colitur Deus [...]: praeceperas ergo, ut ex omnibus qui haberi ad praesens possunt historiarum atque annalium fastis, quaecumque aut bellis graui aut corrupta morbis aut fame tristia aut terrarum motibus terribilia aut inundationibus aquarum insolita aut eruptionibus ignium metuenda aut ictibus fulminum plagisque grandinum [...].*

¹⁴ Segundo S. Pricoco (1992, p. 316). “[...] L’assimilazione più originale del pensiero nelplatonico nell’Occidente avviene quasi interamente all’interno della chiesa cristiana, ormai trionfante e largamente integrata nell’Impero [...]”; para M. J. Hidalgo de la Vega (1995, p. 224). [...] *en ese proceso de desarrollo y difusión de la intelectualidad pagana se encuentran contenidos de pensamiento y conjuntos de valores a partir de los que se intenta construir un hombre nuevo, que participa no sólo de los valores clásicos del patrimonio antiguo sino también de las categorías propias del pensamiento de Plotino y de sus discípulos, Porfirio, Jámblico y otros [...].*

¹⁵ Sobre este tema vide R. Frighetto (2009, p. 241-242).

¹⁶ Para H. I. Marrou (1980), [...] *Ce jugement pourra paraître bien sévère et peut-être les organisateurs ont-ils eu tort de confier l’analyse de l’augustinisme d’Orose à un autre augustinien. Peut-on me reprocher de croire avoir mieux que lui su percevoir l’essence du véritable augustinisme? Tout néo-platonicien est persuadé d’avoir mieux compris que les autres la véritable pensée de Platon! Mais si le théologien de l’histoire en moi ne peut s’interdire de juger sévèrement son confrère Orose [...].*

daqueles conhecimentos históricos adquiridos pelos autores cristãos, que incluíam também informações difundidas pelos escritores pagãos¹⁷ e destinadas ao estudo, valorização e reconhecimento das Sagradas Escrituras, parece-nos importante apontar o legado deixado por Agostinho de Hipona fundamentado em uma tradição helenística romana que zelava pela formação pessoal pautada, sobretudo, nos ensinamentos propostos por Cícero.¹⁸

Apesar da indelével marca ciceroniana que priorizava a forma retórica de apresentação e difusão do conhecimento histórico, observamos que a paulatina mudança dos suportes materiais que permitiam o registro das informações escritas surgia como verdadeira inovação da época tardo-antiga. Estamos nos referindo à nova conformação e ao consequente manuseio dos documentos manuscritos marcados pela passagem das cópias em rolos de papiro aos *códices* em pergaminhos,¹⁹ mudança em nossa opinião muito significativa e que acabou deslocando à gramática e à redação escrita um papel de enorme relevância, o de preservar o conhecimento histórico de maneira perene, equivalente em todos os sentidos à tradicional função retórica.²⁰ Nesse momento, observamos que a História e a sua mais importante difusora, a historiografia, passavam a configurar aquilo que Marrou definiu como um autêntico *projeto apologético* que, em nossa opinião, justificava tanto a relevância da História cristã como a sua supremacia, o seu poder, sobre o paganismo através do seu veículo mais contundente, o documento manuscrito apresentado num *códice*²¹ que seria lido e difundido nos ambientes socioculturais mais enlevados.

74

A História segundo Isidoro de Sevilha

Essa perspectiva parece encontrar eco nos escritos legados por Isidoro de

¹⁷ Excelente a observação feita por A. Momigliano (1970, p. 111), [...] *Il cristianesimo non è, o almeno è solo in particolari circostanze, una linea divisoria per storici di guerre e politica. [...] I cristiani tiepidi come Procopio assumono atteggiamenti paganeggianti per deferenza alla tradizione storiografica pagana [...] Simmaco avrebbe dunque derivato molti fatti da Orosio senza accettarne la interpretazione complessiva della storia romana. Orosio è appunto l'unico storico a noi conosciuto che scriva da un punto di vista cristiano la storia politica di Roma [...]*.

¹⁸ Como indica H. I. Marrou (1980, p. 62-63), [...] *Comme on le sait, Augustin reprenait dans une perspective chrétienne l'idéal du doctus orator tel que Cicéron l'avait formulé [...]; les textes de base qui seront le plus souvent invoqués, qu'ils fussent connus directement ou indirectement, sont celui de De doctr. christ. II, 28 (42-44) sur l'utilité de la connaissance de l'histoire par l'étude des Saintes Ecritures [...]. Mais saint Augustin a été aussi un témoin insigne, non seulement de la théorie, mais aussi de la pratique de l'historiographie classique: humaniste, rhéteur, homme cultivé du tardo antico [...]*.

¹⁹ De acordo com G. Cavallo (1995, p. 111), *Entre los siglos IV-V concluye ya definitivamente aquella que fue la gran revolución de la historia del libro antes de la imprenta: el paso del volumen, el rollo de tradición helenística, al codex, el códice de tradición sobre todo romana [...]. Como causa de este fenómeno a menudo se han invocado factores de índole práctica: el códice permitía encontrar más rápidamente un pasaje [...]; su forma más manejable se adaptaba mejor a la lectura, al transporte durante el viaje, al uso escolar [...]*.

²⁰ Muito interessante a descrição apresentada sobre o currículo educacional na época hispano-visigoda por M. C. Díaz y Díaz (1982, p. 82), [...] *Los estudios gramaticales tenían una enorme importancia: comprendían sobre todo la morfología, el léxico y la prosodia. A partir de aquí se dedicaba atención a las técnicas retóricas, en función de las cuales volvía a estudiarse el léxico y la construcción, y de una manera más específica y extensa toda clase de figuras de pensamiento y dicción [...]*.

²¹ Cf. H. I. Marrou (1980, p. 75-76), [...] *Comme la Cité de Dieu, les Histoires d'Orose ne son pas un oeuvre purement scientifique mais son intégrées dans un projet apologétique: storiografia, soit, mais écrite ad probandum [...]*; interessante a perspectiva oferecida por G. Cavallo (1995, p. 113), [...] *El cristianismo – al que se debe la primera adopción masiva del códice – se apoya con su religión del libro sobre esta franja de lectores interesados en textos alternativos respecto a la gran tradición literaria [...]. El códice, por otra parte, significaba para los cristianos también una ruptura con la cultura pagana oficial representada por el rollo [...]*.

Sevilha (570?-636) na primeira metade do século VII. Com efeito, de acordo com o bispo hispalense, a gramática e todo o conjunto de conhecimentos a ela vinculados faziam parte da origem e do fundamento primordial da própria cultura,²² dentre os quais encontramos a História na medida em que a recordação e a preservação do passado deviam ser eternizadas, como autêntico monumento, “pelas letras”.²³ Ora, sabemos que as “letras” eram a base essencial para a configuração dos documentos manuscritos por parte dos escritores²⁴ e dos copistas,²⁵ especialistas, portanto, na composição e organização dos textos escritos ou transcritos aos *códices*²⁶ que incluíam, por certo, obras históricas. Isidoro recorda-nos que as *Historias* eram escritas em *códices* um pouco maiores que os habitualmente utilizados para os poemas e cartas,²⁷ certamente por conta da quantidade de informações e, provavelmente, pela natureza da própria obra e do público que a consultava. De fato, para o hispalense, as *Historias* eram destinadas aos leitores preparados para “verem” com os próprios olhos os acontecimentos narrados pelos historiadores e transcritos pelos copistas, pois era muito melhor e mais verdadeiro ler e comprovar que simplesmente escutar e duvidar.²⁸ Assim, da História escrita e preservada podia-se retirar vários ensinamentos fundamentais para o momento vivenciado pelo próprio Isidoro e o conjunto de toda a sociedade política hispano-visigoda da primeira metade do século VII,²⁹ pois a História “é a narração dos fatos acontecidos, pela qual se conhecem os sucessos que tiveram lugar em tempos passados”³⁰ ou, como no caso do hispalense, vivenciados pelo próprio historiador. Dessa forma a História, na concepção isidoriana, destinava-se à formação e à educação do conjunto da sociedade política hispano-visigoda,³¹ daqueles que exerceriam importantes cargos e funções nos ambientes laicos e eclesiásticos do reino hispano-visigodo de Toledo. Perspectiva que incluía, indubitavelmente, o aprimoramento que deveria ser a tônica nos ambientes monásticos, realizado através dos vários *exempla* apresentados no âmbito da

²² Isid. Etym. I,5,1: *Grammatica est scientia recte loquendi, et origo et fundamentum liberalium litterarum...*; segundo J. Fontaine (2002, p.115), “La gramática constituye para Isidoro el saber fundamental [...]”.

²³ Isid. Etym. I,41,2: [...] *Haec disciplina ad Grammaticam pertinet, quia quidquid dignum memoria est litteris mandatur. Historiae autem ideo monumenta dicuntur, eo quod memoriam tribuant rerum gestarum [...]*.

²⁴ Isid. Etym. VI,14,2: *Ab scribendo autem scriba nomen accepit, officium exprimens vocabuli qualitate [...]*.

²⁵ Isid. Etym. I,3,1: *Primordia grammaticae artis litterae communes existunt, quas librarii et calculatores sequuntur...*; a definição da arte do copista é apresentada em Isid. Etym. VI,14,1: *Librarios antea bibliopolas dictos. Librum enim Graeci biblos vocant. Librarii autem iidem et antiquarii vocantur: sed librarii sunt qui et nova scribunt et vetera; antiquarii, qui tantummodo vetera, unde et nomen sumpserunt [...]*.

²⁶ Isid. Etym. VI,13,1: *Codex multorum librorum est; liber unius voluminis [...]*.

²⁷ Isid. Etym. VI,12,1: *Quaedam nomina librorum apud gentiles certis modulis conficiebantur. Breviori forma carmina atque epistolae. At vero historiae maiori modulo scribebantur [...]*.

²⁸ Isid. Etym. I,43: *Historiae gentium non impediunt legentibus in his quae utilia dixerunt [...]; I,41,1: [...] Melius enim oculis quae fiunt deprehendimus, quam quae auditione colligimus [...]*.

²⁹ Isid. Etym. I,43: [...] *Multi enim sapientes praeterita hominum gesta ad institutionem praesentium historiis indiderunt [...]*.

³⁰ Isid. Etym. I,41: *Historia est narratio rei gestae, per quam ea, quae in praeterito facta sunt, dinoscuntur [...]*.

³¹ Aquilo que é descrito por J. FONTAINE (2002, p. 162), “[...] Este valor educativo de la historia constituyó para Isidoro una razón capital para asimilar su contenido [...]”.

conferência monástica pelo monge mais experiente, o abade,³² a partir da leitura dos manuscritos que continham as “normas das regras dos Padres” que seriam o motor para o bom desenvolvimento dos costumes e a manutenção das tradições monásticas.³³ *Códices* encontrados no espaço da biblioteca monástica, que eram extremamente bem cuidados e emprestados aos monges em horários rigidamente definidos pelo sacristão, responsável pela sua conservação e preservação.³⁴ A importância da leitura e sua compreensão aparecem como uma preocupação destacada no pensamento isidoriano, a tal ponto que as dúvidas surgidas com a leitura deveriam ser apresentadas ao abade, na conferência ou depois das vésperas monásticas, para sua devida explicação ao conjunto dos monges cenobitas.³⁵ É muito provável que além de *códices* de autores cristãos católicos existissem, na biblioteca monástica, manuscritos de procedência pagã e herética³⁶ que poderiam incluir, evidentemente, obras de História escritas por autores pagãos destinadas à consulta muito reservada.

Seja para monges, eclesiásticos ou laicos, a História, para Isidoro de Sevilha, estava destinada a melhor formar e educar o conjunto dos grupos nobiliárquicos hispano-visigodos que integravam a sociedade política do reino. Talvez por esse motivo, além de se sentir apto para realizar a tarefa do historiador, o hispalense tenha escrito dentre a ampla gama de suas obras³⁷ uma especificamente destinada à História, a *História dos godos*, na qual destacava a grandeza dos godos perante todos os demais grupos bárbaros assentados no ocidente tardo-antigo³⁸ e também sobre os romanos, vencedores do mundo que acabaram sucumbindo perante a força guerreira gótica,³⁹ com a clara intenção de legar ao futuro uma imagem extremamente positiva da nobreza hispano-visigoda do seu tempo. Contudo, recordando o destacado papel político e ideológico exercido por Isidoro de Sevilha no universo hispano-visigodo⁴⁰ e a importância por

³² Reg.Isid.,7: [...] *Adque audiant docentem seniore[m] instruentem cunctos salutaris praeceptis; audiant patrem studio [...]*.

³³ Reg.Isid.,7: [...] *sed in praefinitis diebus cunctis pariter congregatis praecepta patrum regularia recensenda sunt, ut qui nec didicerunt, percipiant quod sequuntur [...]*.

³⁴ Reg.Isid.,8: *Omnes codices custos sacrarii habeat deputatos a quo singulos singuli fratres accipiant quos prudenter lectos uel habitos semper post uesperum reddant. Prima autem hora codices diebus singulis expetantur. Qui uero tardius postulant nequaquam accipiant [...]*.

³⁵ Reg.Isid.,8: [...] *De iis autem quaestionibus quae leguntur nec forte intelleguntur unusquisque fratrum aut in conlacione aut post uesperam abbatem interrogabit et recitata in loco lectione ab eo expositionem suscipiat, ita ut dum uni exponitur ceteri audiant [...]*.

³⁶ Reg.Isid.,8: [...] *Gentilium autem libros uel haeticorum uolumina monachus legere caueat [...]*.

³⁷ De forma resumida, aparecem descritas em Ild. De Uir.Ill.,8 [...] *Scripsit opera et eximia et non parua, id est: librum de genere officiorum, librum proemiorum, librum de ortu et obitu prophetarum, librum lamentationis, quem ipse Synonima uocitauit [...], librum de natura rerum ad Sisebutum principem, librum differentiarum, librum sententiarum [...]. Scripsit quoque in ultimo, ad petitionem Braulionis, Caesaraugustani episcopi, librum Etymologiarum [...]*.

³⁸ Isid. H.G.,68: *Hos Europae omnes tremuere gentes, Alpium his caesere obices, Wandolica ipsa crebro opinata barbaries non tantum praesentia eorum exterrita quam opinione fugata est. Gothorum uigore Alani extincti sunt, Sueui quoque hactenus intra inaccessos Spaniarum angulos [...]*.

³⁹ Isid. H.G.,67: [...] *Quibus tanta extitit magnitudo bellorum et tam extollens gloriosae uictoriae uirtus ut Roma ipsa uictrix omnium populorum subacta captiuitatis iugo Gothicis triumphis adcederet et domina cunctarum gentium illis ut famula deseriret. Como indica J. Fontaine (2002, p. 171-172, “[...] Con todo, es cierto que la tesis fundamental, incluso inicial, de Isidoro tiene como objeto mostrar que los godos superan a los romanos por la antigüedad de su raza [...].”*

⁴⁰ Segundo Braul.Caes. Renot.Isid.: *Isidorus, uir egregius, hispalensis ecclesiae episcopus Leandri episcopi sucessor et germanus, floruit a tempore Mauritii imperatoris et Reccaredi regis: in quo quiddam*

ele dada aos acontecimentos do passado que contribuíam para melhor explicarmos os eventos do seu presente histórico, parece-nos que a *apologia* dos godos proposta pela *História* isidoriana estava intimamente relacionada à recente conversão dos godos ao cristianismo católico, ocorrida no III Concílio de Toledo de 589, que os colocava na vanguarda da defesa do catolicismo diante dos romanos-orientais que, no momento da escrita da *História dos godos*, surgiam como defensores da heresia estabelecidos nas limitadas áreas do levante hispânico.⁴¹ Ou seja, a vitória alcançada pelo rei hispano-visigodo Suinthila sobre as forças bizantinas que culminaram com a sua definitiva expulsão do território hispânico,⁴² surgia como evidente resultado da intervenção divina favorável aos defensores da verdadeira fé católica contra os inimigos heréticos, submetidos e derrotados militarmente pelo poder dos godos de *Hispania*.⁴³

Além disso, devemos recordar que a *História* escrita por Isidoro de Sevilha ocupava um importante papel na elaboração teórica que tentava construir a imagem do soberano ideal hispano-visigodo. Ao lado da *Crônica* e do livro *Dos varões ilustres*,⁴⁴ a *História dos godos* surgia integrada naquela *Historia tripartita* apresentada por J. Hillgarth que tinha como um dos mais significativos interesses a glorificação dos soberanos católicos hispano-visigodos⁴⁵ perante o conjunto da sociedade política hispano-visigoda formada pelos elementos laicos e eclesiásticos do reino que aclamavam e elegiam o soberano dentre os integrantes da *nobilitas* hispano-visigoda.⁴⁶ Neste caso os *exempla* régios presentes na *História dos godos* serviam para reforçar a ideia de que o *regnum*, a autoridade concedida pelo conjunto da nobreza e detida pelo soberano,⁴⁷ tornar-se-ia mais forte através da concórdia e do consenso reunidos à volta do *sacratissimo et christianus princeps*, escolhido pela vontade divina e reconhecido pelos homens.

77

sibi antiquitas uindicauit, immo nostrum tempus antiquitatis in eo scientiam imaginauit [...]; Ild. De Uir.Ill.,8: [...] *Floruit temporibus Reccaredi, Liuuanis, Vuitterici, Gundemari, Sisebuti, Suinthilanis et Sisenandi regum, annis ferme quadraginta tenens pontificatus honorem insignemque doctrinae sanctae gloriam partiter et decorem.*

⁴¹ Para tanto vide R. Frighetto (2002, p. 499-501).

⁴² *Isid. H.G.,62: [...] gloriossimus Suinthila gratia diuina regni suscepit scepra [...]. Postquam uero apicem fastigii regalis conscendit, urbes residuas, quas in Spaniis Romana manus agebat, proelio conserto obtinuit auctamque triumpho gloriam prae ceteris regibus felicitate mirabili reportauit, totius Spaniae intra oceani fretum monarchiam regni primus idem potitus, quod nulli retro principum est conlatum [...].*

⁴³ *Isid. H.G.,70: [...] ut non solum terra, sed et ipsa maria suis armis adeant subactusque seruit illis Romanus miles, quibus seruire tot gentes et ipsam Spaniam uidet.*

⁴⁴ Braul. Renot.Isid.: [...] *Chronicorum a principio mundi usque ad tempus suum librum unum, nimia breuitate collectum [...]. De uiris illustribus librum unum, cui nos ista subiunximus [...].*

⁴⁵ Cf. HILLGARTH, J. (1970, p. 279), “[...] Both the exaltation of the ‘sacerdotium’ in some parts of the *Historia tripartita* and the portrait of the ideal prince may help to explain some apparent contradictions between Isidore’s theory of the just king in the *Sententiae* and his laudatory portraits of individual kings in the *Historiae* [...]”.

⁴⁶ Algumas importantes referências conciliares indicam essa prática no tempo de Isidoro, como Conc.IV Tol., a.633,c.75: [...] *sed defuncto in pace principe primatus totius gentis cum sacerdotibus successorem regni concilio communi constituent, ut dum unitatis concordia a nobis retinetur, nullum patriae gentisque discidium per vim atque ambitum oriatur [...];* com respeito as pré-condições da eleição e aclamação do rei, vide Conc.V Tol., a.636,c.3: [...] *Ut quisquis talia meditatus fuerit, quem nec electio omnium provehit nec Gothicae gentis nobilitas ad hun honoris apicem trahit, sit a consortio catholicorum privatus et diuino anathemate condemnatus;* Conc.VI Tol., a.638,c.17: [...] *Rege uero defuncto nullus tyrannica praesumptione regnum adsummat, nullus sub religionis habitu detonsus aut turpiter decalvatus aut servilem originem trahens vel extraneae gentis homo, nisi genere Gothus et moribus dignus provehatur ad apicem regni [...].*

⁴⁷ Sobre o conceito de *regnum* vide R. Frighetto (2007, p. 203-220).

Uma proposta claramente vinculada à ideia de unidade régia que teria, como consequência, a perspectiva unitária eclesiástica à volta da autoridade episcopal. Assim, a *História* escrita e preservada, no pensamento isidoriano, vinculava-se também à noção e à defesa da unidade política e religiosa que teria nas figuras do rei e do bispo seus mais bem acabados exemplos para o universo nobiliárquico do reino hispano-visigodo de Toledo.

A *História* segundo Valério do Bierzo

Se a concepção acerca da *História* ganhava uma conotação mais ampla e universal segundo a perspectiva isidoriana, observamos uma postura um pouco diversa quando nos detemos sobre os escritos de Valério do Bierzo (620/625?-695?). Monge cenobita, anacoreta e eremita, Valério desenvolveu sua atividade monástica num estreito espaço geográfico entre as localidades bercianas de Compludo, a parcela de *Ebronauto* e o mosteiro de Rufiana, este último encravado nas montanhas.⁴⁸ Autor de uma autobiografia, única no seu gênero no ambiente cultural tardo-antigo da *Hispania* visigoda, além de outros escritos espirituais, hagiográficos, poéticos, e responsável por uma igualmente importante e ímpar compilação hagiográfica que reúne as vidas dos mais destacados eremitas e anacoretas da Tebaida egípcia, além de relatos da vida de santos visigodos como as *Vidas dos santos padres de Mérida* e a *Vida de São Frutuoso de Braga*,⁴⁹ Valério apresenta-nos uma curiosa e particular visão da *História*. Com efeito, a palavra *História* aparece somente em duas passagens de sua autobiografia, sempre se referindo à sua história pessoal narrada até então⁵⁰ na qual Valério se apresenta como modelo de *homem santo* que combate constantemente o demônio e todos os seus satélites.⁵¹ Uma peculiar imagem de si mesmo que levou Hillgarth a sugerir que a autobiografia de Valério se apresenta como uma hagiografia pessoal,⁵² que definimos como uma “auto-hagiografia”,⁵³ enquanto Collins definia o conjunto dos escritos autobiográficos valerianos como uma espécie de *Vita Valeri*, comparável em todos os sentidos ao mais destacado relato hagiográfico cristão da Antiguidade Tardia, a *Vita Antonii*⁵⁴ escrita por Atanásio de Alexandria. Nesse caso, a *História* proposta por Valério do Bierzo se aproximava consideravelmente de um estilo próprio da biografia em que a *laudatio* pessoal, amparada nos modelos de outros *homens santos* cristãos, servia como *exemplum* de uma vida santificada que deveria ser seguida por outros monges. Ou seja, o conjunto composto pela autobiografia

⁴⁸ Informações analisadas por R. Frighetto (2006, p. 10-16).

⁴⁹ Sobre a compilação hagiográfica de Valério do Bierzo vide R. Frighetto (2003, p. 117-124).

⁵⁰ Val. Repl.,13: *Ego etenim posthec iteratim uastatus in alia parte a christianis, ut superior declarat historia, sum perductus [...]; Val. Resd.,1: [...] De eius constructione et hic iuxta altarii sanctorum apostolorum operatione, in superiore historia patet breuiter comprehensum.*

⁵¹ Cf. R. Frighetto (2003, p. 28).

⁵² De acordo com J. Hillgarth (1970, p. 308), “[...] Valerius autobiographies are really a form of hagiography [...]”.

⁵³ Cf. R. Frighetto (2003, p. 28).

⁵⁴ Segundo R., Collins (1986, p. 431), “[...] On the analogy of the *Vita Antonii*, in might be suggested that Valerius’s three autobiographical ‘Conferences’ were solicited from him by Donadeus, not only for the spiritual teaching by way of example that they contained, but also with a view to the eventual composition of *Vita Valerii* [...]”.

e as demais obras de Valério, incluindo aqui a sua compilação hagiográfica, formariam um testemunho de uma vida santa entendida como uma *História*.

Mesmo oferecendo uma perspectiva histórica pautada na sua trajetória individual, verificamos que Valério acentuava a importância de preservação da sua *História* como modelo exemplar para outros monges e discípulos através de sua conservação manuscrita. De fato, a autobiografia valeriana apresenta algumas passagens nas quais o trabalho de *scriptor* realizado pelo nosso personagem é singularmente destacado, como no caso do pequeno *libelo* transcrito por Valério e oferecido aos filhos de Teodora,⁵⁵ o mesmo que aparece mencionado como instrumento educacional para a memorização de passagens do saltério,⁵⁶ método de fixação através da repetição apreendido e praticado pelo nosso autor, provavelmente, durante a sua estada no mosteiro de Compludo⁵⁷ onde o próprio Valério recebeu parte de seus primeiros ensinamentos do monge Máximo, “copista de livros e declamador de salmos”.⁵⁸ Mas a função de *scriptor* ganha projeção e destaque nos escritos valerianos no momento da aparição de sua compilação hagiográfica, quando observamos a notória intenção de Valério em valorizar e acentuar o que ele próprio define como “edificação dos espíritos através dos documentos”.⁵⁹ Ou seja, na perspectiva de Valério, a transmissão de um conjunto determinado de hagiografias, consideradas fundamentais para a afirmação de suas ideias sobre a santidade, fazia parte da noção de manutenção e conservação da memória dos homens santos que no passado realizaram ações que no seu presente histórico surgiam como verdadeiros modelos, exemplos refletidos, provavelmente de maneira retórica, na própria *História* pessoal de Valério. Assim, em nossa opinião, Valério pretendia através dos documentos manuscritos, que incluíam a sua *História* autobiográfica ao lado das muitas vidas de santos que foram por ele transcritas em sua compilação hagiográfica, apresentar uma proposta de caminho espiritual e individual que conduziria à santidade e à perfeição. Em nossa opinião, nesse conjunto documental, Valério estaria indicando as suas experiências pessoais, pautadas pela opção de uma vida ascética e monástica de características eremíticas, como crítica direta à valorização proposta pelas hierarquias eclesásticas hispano-visigodas e pela forma de vida monástica em comunidade,

⁵⁵ Val. Repl.,3: *Et ut hinc postulationem cura miseracionis dominicae pateat breuiter intimabo. Cum in eodem necessitudinis loco quendam bonorum filiorum enutrirem, et illi pro eruditione praecipuum conscripsissem libellum [...], idem matrona, nomine Theodora [...]*

⁵⁶ Val. Repl.,6: *Cum autem paruulum quendam pupillum litteris imbuerem, tantum dispensatio diuina dedit illi memoriae capacitatem et intra medium annum peragrans cum canticis uniuersum memoriae retineret psalterium [...]*

⁵⁷ Tal informação aparece claramente mencionada na R.F.,4,7-8: [...]*Iuniores autem coram suis residentes decanis lectioni uel recitationi uacent [...]*, papel educativo desempenhado pelo decano monástico; quanto à passagem de Valério pelo mosteiro de Compludo, Val. Ord.Querm.,1: [...]*ad Complutensis coenobii litus properans transmeare immensi desiderii ardore succensus atque futuri iudicii timore perterritus [...]*.

⁵⁸ Val. Ad.Don.,1,9-13: [...]*In qua erat plerumque congregatio fratrum, aliquanto tempore commorarem. Inter quos erat quidam frater, nomine Maximus, librorum scribtor, psalmodie meditator, ualde prudens, et in omni sua actione conpositus, in cuius prae caeteris eram caritatis amore conexus [...]*.

⁵⁹ Val. Resd.,2: *Librorum uero uolumina tam quae quotidiano officio quam pro sanctarum festiuitatum per ordine pertinent anniuersario uel etiam diuersarum sanctarum scripturarum quod ad edificationis profectum atque industriae documentum proficit animarum [...]*.

cenobítica,⁶⁰ duramente criticada nos escritos valerianos, em particular no *Do gênero dos monges* em que Valério reestruturava a tradicional divisão oferecida por Isidoro de Sevilha sobre os tipos ideais e pérfidos de monges de seis para sete⁶¹ indicando, nesse caso, a provável reminiscência de práticas ascéticas priscilianistas⁶² mantidas por grupos nobiliárquicos locais que convertiam, de maneira compulsória e sem qualquer amparo legal, aos seus familiares e todos os seus dependentes que deveriam ser vistos, segundo Valério, como “falsos monges”.⁶³

Considerações finais

Embora observemos a existência de evidentes distinções entre os pensamentos de Isidoro de Sevilha e de Valério do Bierzo, certamente relacionadas aos ambientes sociopolíticos e culturais receptores de suas ideias e seus escritos – o hispalense vinculado a um ambiente nobiliárquico próprio da corte régia hispano-visigoda, enquanto o berciano estava voltado aos grupos nobiliárquicos estabelecidos no seu espaço geográfico local e regional mais próximo –, podemos verificar que determinados elementos aproximam ambos os autores quando analisamos as suas concepções sobre o valor e a importância da História. A começar pela presença, tanto nas *Histórias* de Isidoro de Sevilha como nas obras de caráter autobiográfico e hagiográfico de Valério do Bierzo, da ideia da intervenção divina no desenrolar da História, seja do reino hispano-visigodo de Toledo, seja na trajetória santificadora e pessoal. Esse traço historiográfico, característico do pensamento neoplatônico e incorporado pelo cristianismo, vinculava-se à perspectiva da escolha divina tanto sobre aquele grupo nobiliárquico que elegeria e escolheria o futuro rei cristão e sagrado, ou que agiria sobre uma trajetória particular no sentido de guiá-la no caminho da perfeição ascética. A influência divina e decisiva no desenvolvimento da História

⁶⁰ Segundo Isid. Etym.,VII,13,2: *Coenobitae, quos nos In commune viventes possumus appellare. Coenobium enim plurimorum est*, forma de vida monástica coletiva reconhecida como legítima no Conc.III Tol., a.589,c.4: *Si episcopus unam de parrochianis ecclesiis suis monasterium dicare voluerit, ut in ea monachorum regulariter congregatio vivat, hoc de consensu concilii sui habeat licentiam faciendi [...]*; Conc.IV Tol., a.633,c.51: *[...] sed hoc tantum sibi in monasteriis vindicent sacerdotes quod recipiunt canones: id est monachos ad conversationem sanctam praemonere, abbates aliaque officia instituere, atque extra regulam acta corrigere [...]*

⁶¹ De acordo com Isid. De Eccl.Off.,II,16,2-9 [...] *Sex autem sunt genera monachorum, quorum tria optima, reliqua uero deterrima atque omnimodis euitanda. Primum genus est coenobitarum, id est in commune uiuentium [...]. Secundum genus est heremitarum qui procul ab hominibus recedentes deserta loca et uastas solitudines [...]. Tertium genus est anachoritarum qui, iam coenobiali conuersione perfecti, includunt semetipsos in cellulis procul ab hominum conspectu remoti [...]. Quartum genus est qui sese anachoritam imagine blandiuntur [...]. Quintum genus est circellionum qui sub habitu monachorum usquequaque uagantur, uenalem circumferentes ypocrisin [...]. Sextum genus est monachorum et ipsum deterrimum atque neglectum quod per Ananiam et Saffiram in exordio ecclesiae pullulauit [...]*; o sétimo tipo apresentado é descrito por Val. De Gen.Mon.,2,52-4: *[...] Insuper hypocrisi falsae religiosi ita captantur, ut in conspectatium obtutibus saecularium protendant falsum sacrae religionis habitum...*; para maiores informações sobre este último, vide R. Frighetto (1997, p. 363-373).

⁶² Uma definição sobre os priscilianistas é apresentada por Isid. Etym.,VIII,5,54: *Priscillianistae a Priscilliano vocati, qui in Hispania ex errore Gnosticorum et Manichaeorum permixtum dogma conposuit [...]*.

⁶³ Val. De Gen.Mon. 1,21-5: *[...] tolluntur ex familiis sibi pertinentibus subulci, de diversisque gregibus dorseni, atque de possessionibus parvuli, qui pro officio supplendo inviti tondentur et nutriuntur per monasteria, atque falso nomine monachi nuncupantur [...]*.

acabaria por influenciar a sua escrita, pois a sua preservação manuscrita para as gerações futuras marcaria os vários exemplos do poder concedido pela divindade cristã aos grupos nobiliárquicos, aos reis e aos verdadeiros homens santos.

Portanto, a História seria fundamental para ensinar e legar modelos virtuosos que seriam exemplos para os grupos nobiliárquicos que configuravam a sociedade política hispano-visigoda, tanto no nível do reino como nos âmbitos locais e regionais. A diferença entre a ideia de História apresentada por Isidoro de Sevilha e Valério do Bierzo radicava, particularmente, na forma de participação do historiador no próprio desenvolvimento histórico por ele narrado e descrito: enquanto o hispalense apresentava a História de uma perspectiva plural, descrevendo, narrando e aplicando as tradições e as memórias do passado sobre o conjunto da nobreza hispano-visigoda e o rei, colocando-se como apresentador privilegiado dos fatos e acontecimentos conhecidos e interpretados tanto através dos documentos manuscritos como, em alguns casos, pela vivência dos mesmos, o berciano, pelo contrário, colocava-se no centro do desenvolvimento da História destinada a mostrar, no nível local e regional, que o seu caminho ascético, iniciado no cenobitismo e desenvolvido no eremitismo e no anacoretismo, era de fato o mais adequado para se atingir a perfeição, similar em vários aspectos aos grandes homens santos do passado. Porém, se diferiam na forma, ambos coincidiam num mesmo objetivo, o de educar os segmentos nobiliárquicos hispano-visigodos com vários exemplos que reforçariam os seus poderes no universo político, social, cultural e religioso do reino hispano-visigodo. Ao fim e ao cabo, Isidoro de Sevilha e Valério do Bierzo, cada qual a sua maneira, a do primeiro mais oficial, e a do segundo pessoal, revelam a importância da História como veículo de fortalecimento do poder dos grupos nobiliárquicos, efetivamente os mais capacitados para exercerem as tarefas de governar e conduzir a sociedade hispano-visigoda do século VII à perfeição sagrada.

Bibliografia

- ALONSO TRANCOSO, V. La *paideia* del príncipe y la ideología helenística de la realeza. **Revista Gerión**, Anejos, IX. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2005.
- CAVALLO, G. **Libros, editores y público en el mundo antiguo**. Guía histórica y crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1995.
- CODOÑER MERINO, C. **Evolución del concepto de historiografía en Roma**. Barcelona: Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona, 1986.
- COLLINS, R. The 'autobiographical' works of Valerius of Bierzo: their structure and purpose. **Antigüedad y cristianismo III – Los visigodos**. Historia y civilización. Murcia: Universidade de Murcia, 1986.

- DIAZ Y DIAZ, M. C. Introducción general. **San Isidoro de Sevilla**. Etimologías, I. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982.
- FONTAINE, J. **Isidoro de Sevilla. Génesis y originalidad de la cultura hispánica en tiempos de los visigodos**. Madrid: Encuentro, 2002.
- FRIGHETTO, R. A longa Antiguidade Tardia: problemas e possibilidades de um conceito historiográfico. **VII Semanas de Estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais**. Brasília: Universidade de Brasília, 2009 (inérito).
- _____. *Historia est narratio rei gestae*: la concepción de la Historia en la Antigüedad Tardía. CORTI, Paola; MORENO, Rodrigo e WIDOW, José L. (eds.). **El fin de la Historia**. Viña del Mar: Ediciones Altazor, 2009.
- _____. De la *barbarica gens* hacia la *christiana ciuilitas*: la concepción de *regnum* según el pensamiento político de Isidoro de Sevilla (siglo VII). **Anuario 7**. Centro de Estudios Históricos "Profesor Carlos S. A. Segreti". Córdoba: Universidade Nacional de Córdoba, 2007.
- _____. **Valério do Bierzo**. Autobiografía. Primeiro Prémio de História Medieval da Galiza 2005. Noia-La Coruña: Editorial Toxosoutos, 2006.
- _____. A valorização da vida eremítica na compilação hagiográfica de Valério do Bierzo (século VII). **Anais da XXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica**. Curitiba: SBPH, 2003.
- _____. Sociedade e cultura no NO. peninsular ibérico em finais do século VII, segundo o *De Genere Monachorum* de Valério do Bierzo. **Gallaecia 18**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1997.
- GASCÓ, F. La crisis del siglo III y la recuperación de la historia de Roma como un tema digno de ser historiado. **Studia Historica. Historia Antigua – IV-V, 1**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1986-87.
- HIDALGO DE LA VEGA, M. J. **El intelectual, la realeza y el poder político en el Imperio Romano**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1995.
- HILLGARTH, J. Historiography in Visigothic Spain. **La Storiografia Altomedievale**. Settimane di Studi del Centro Italiano di studi sull'Alto Medioevo XVII. Spoleto: CISAM, 1970.
- MARROU, H. I. Saint Augustin, Orose et l'Augustinisme historique. **La Storiografia Altomedievale**. Settimane di Studi del Centro Italiano di studi sull'Alto Medioevo XVII. Spoleto: CISAM, 1970.
- MOMIGLIANO, A. L'étá del tra passo fra storiografia antica e storiografia medievale (320-550 d.C.). **La Storiografia Altomedievale**. Settimane di Studi del Centro Italiano di studi sull'Alto Medioevo XVII. Spoleto: CISAM, 1970.
- PRICOCO, S. Filosofi e professori di filosofia. Vecchi e nuovi modelli culturali tra IV e V secolo. **Monaci, Filosofi e Santi**. Saggi di storia della cultura tardoantica. Messina: Rubbettino Editore, 1992.

Abreviaturas e Fontes

- Braul.Caes. *Renot.Isid.* = BRAULIONIS CAESARAUGUSTANIS. Renotatio Isidori. In LYNCH, C.H. e GALINDO P. (ed.). **San Braulio de Zaragoza (631-651)**. Su vida y sus obras. Madrid: CSIC, 1950, p. 356-361.
- Cic. *De Orat.* = CICERUS. De oratore. In ISO, José Javier (ed.). **Cicerón**. Sobre el orador. Madrid: Editorial Gredos, 1990.
- Conc.Tol. = Concilio de Toledo. In VIVES. José (ed.). **Concilios visigóticos e hispano-romanos**. Barcelona-Madrid: CSIC, 1963.
- Ild. De Uir.III. = ILDEPHONSUS TOLETANUS. Liber de Uiris Illustribus. In CODOÑER MERINO, Carmen (ed.). **El de viris illustribus de Ildelfonso de Toledo**. Madrid: CSIC, 1972, p. 109-136.
- Isid. De Eccl.Off. = ISIDORUS HISPALENSIS. Liber de Ecclesiasticis Officiis. In LAWSON, C. M. (ed.). **Corpus Christianorum**, Series Latina, CXIII. Turnholti: Brepols, 1989, p.1-108.
- Isid. Etym. = ISIDORUS HISPALENSIS. Etymologiarum libri XX. In RETA, Jose Oroz y CASQUERO, Manuel-A. Marcos (ed.). **San Isidoro de Sevilla**. Etimologías, vol.I-II. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982.
- Isid. H.G. = ISIDORUS HISPALENSIS. De origine Gothorum. In ALONSO, Cristóbal Rodríguez (ed.). **Las historias de los godos, vándalos y suevos de Isidoro de Sevilla**. León: Colegiata de San Isidoro, 1975, p. 167-287.
- Luc.Sam. Quo modo historia conscribenda sit = LUCIANUS SAMOSATENSIS. Quo modo historia conscribenda sit. In BOTELLA, Juan Zaragoza (ed.). **Luciano**. Obras III. Madrid: Editorial Gredos, 1990, p. 367-408.
- Or. Hist.Adv.Pag. = PAULUS OROSIUS. In ZANGEMEISTER, G. (ed.). **Historiarum adversum paganos** libri VII. New York: Johnson Reprint Corporation, 1966.
- R.F. = FRUCTUOSO DE BRAGA. Regula Fructuosi. In CAMPOS, Julio e ROCA, Ismael (ed.). **Santos Padres Españoles II**. San Leandro, San Fructuoso, San Isidoro. Reglas Monásticas de la España visigoda. Los tres libros de las "Sentencias". Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1971, p. 137-162.
- Reg. Isid. = ISIDORUS HISPALENSIS. Regula Isidori. In CAMPOS, Julio e ROCA, Ismael (ed.). **Santos Padres Españoles II**. San Leandro, San Fructuoso, San Isidoro. Reglas Monásticas de la España visigoda. Los tres libros de las "Sentencias". Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1971, p. 90-125.
- Val. Ad.Don. = VALERIUS BERGIDENSIS. Dicta beati Valeri ad beatum Donadeum scripta (de Maximo). In DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C. (ed.). **Valerio del Bierzo**. Su persona. Su obra. León: Centro de Estudios e Investigación "San Isidoro", 2006, p. 200-209.

- Val. De Gen.Mon. = VALERIUS BERGIDENSIS. De genere monachorum. In DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C. (ed.). **Valerio del Bierzo**. Su persona. Su obra. León: Centro de Estudios e Investigación "San Isidoro", 2006, p. 324-337.
- Val. Repl. = VALERIUS BERGIDENSIS. Item replicatio sermonum a prima conversione. In FRIGHETTO, Renan (ed.). **Valério do Bierzo**. Autobiografia. Primeiro prémio Historia Medieval da Galiza 2005. Noia-La Coruña: Editorial Toxosoutos, 2006, p. 75-92.
- Val. Resd. = VALERIUS BERGIDENSIS. Item quod de superioribus querimoniis residuum sequitur. In FRIGHETTO, Renan (ed.). **Valério do Bierzo**. Autobiografia. Primeiro prémio Historia Medieval da Galiza 2005. Noia-La Coruña: Editorial Toxosoutos, 2006, p. 93-97.